

# **Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 5, Argumentos Teístas, Parte 4, A Justificação Pragmática da Crença Teísta**

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 5, Argumentos Teístas, Parte 4, A Justificação Pragmática da Crença Teísta.

Certo, até agora, nós olhamos para uma série de argumentos para Deus que são baseados em evidências, quer estejamos falando sobre evidências empíricas ou, no caso do argumento ontológico, tipo de evidência a priori ou evidência conceitual para Deus.

Há outra categoria de argumentos para a crença teísta, que são mais pragmáticos ou prudenciais por natureza, que argumentam que, seja qual for a situação com relação à evidência a favor e contra Deus, é uma coisa praticamente sábia ou racional acreditar em Deus e viver a vida com base nessa crença. Então, veremos algumas dessas justificativas pragmáticas para a crença teísta. Então, vamos começar considerando uma afirmação feita por um pensador do final do século XIX chamado William Clifford.

Ele alegou que, assim como temos responsabilidades morais em termos de nossa conduta, temos responsabilidades morais com relação às nossas crenças. E então, ele propôs uma diretriz básica para pensar sobre quais tipos de crenças são racionais e moralmente responsáveis. Então, ele apresentou este princípio, que veio a ser conhecido como Princípio de Clifford, de que está sempre errado em todos os lugares e que qualquer um deve acreditar em qualquer coisa com evidências insuficientes.

Esse é um dever e uma responsabilidade básicos que você e eu temos como seres racionais, de acordo com William Clifford, acreditar apenas nas coisas em que acreditamos com base em evidências suficientes. Então, esse princípio está correto? Agora, à primeira vista, parece ser um princípio completamente racional e algo que todos nós deveríamos nos esforçar para cumprir. Sim, quem não quer ter suas crenças baseadas em boas evidências? E talvez esse deva ser o padrão para todas as nossas crenças.

Agora, muitos cétricos religiosos, incluindo Clifford, pensavam que se afirmamos que este é um princípio básico da crença racional, você tem que ter evidências suficientes para todas as suas crenças, e isso vai criar problemas para o crente religioso. Então, ele e muitos outros cétricos religiosos basearam suas críticas ao teísmo neste princípio e insistiram que a crença em Deus é sempre irracional porque sempre há

evidências insuficientes para acreditar em Deus. No entanto, vários estudiosos desafiaram o Princípio de Clifford com base no fato de que ele é, na verdade, auto-refutável.

E nesse sentido, há realmente evidência suficiente para acreditar no Princípio de Clifford? Que tipo de evidência alguém poderia dar para o Princípio de Clifford? Há evidência suficiente para acreditar que alguém deve sempre, e em todos os casos, acreditar somente com base em evidência suficiente? Então, a ironia é que talvez o Princípio de Clifford nem mesmo satisfaça sua própria demanda. E eu acho que há algo nessa objeção. Outros tentaram mostrar que a crença religiosa pode ser racional ; em particular, a crença religiosa pode ser racional por razões não evidenciais ou pragmáticas.

E dois desses pensadores são Blaise Pascal e William James. E falaremos sobre Pascal primeiro. Ele foi um matemático que viveu no século XVII e morreu muito jovem enquanto estava realmente no processo de montar o que teria sido uma obra-prima da apologética.

Ele havia reunido centenas de páginas de notas, observações extremamente intrigantes e perspicazes que ele estava fazendo sobre todos os tipos de aspectos da natureza humana em geral, bem como sobre a crença religiosa. Quando ele morreu, esses papéis e notas foram coletados e foram intitulados *Thoughts, Pulse of Pascal*. Em seu *Pulse*, em um ponto, ele desenvolve o que se tornou conhecido como o argumento da aposta para a crença em Deus.

Então, ele começa observando que pode parecer, você sabe, para uma pessoa que a evidência para Deus não é realmente conclusiva de qualquer maneira, certo? Se for indeciso, se for inconclusivo, digamos, se parece 50% provável que haja um Deus, há alguma evidência, mas também há alguma evidência contra Deus, certo? Você tem esses argumentos sobre os quais falamos; os argumentos cosmológicos, teleológicos e ontológicos podem fornecer alguma evidência para Deus. E você tem o problema do mal, o problema da ocultação divina, coisas que não podemos explicar que parecem fornecer contra-evidências. E se formos incapazes de concluir de qualquer maneira se Deus existe? O que devemos fazer? Nesse caso, Pascal diz, você precisa fazer uma aposta, certo? Você precisa fazer sua aposta.

Você vai apostar no cavalo de Deus ou no cavalo que não é Deus? Bem, um desses vai ganhar no final. Ou há um Deus, ou não há. De acordo com Pascal, o movimento racional, o movimento prudente ou pragmaticamente racional, é claramente apostar em Deus.

Agora, já que Deus existe ou Deus não existe, e podemos acreditar que ele existe ou que ele não existe, temos quatro possibilidades aqui que estou representando com uma tabela aqui. Podemos acreditar que Deus existe e pode estar certo ou errado. Se

Você acredita que Deus existe e presumivelmente vive de acordo, ele parece estar tomando isso como garantido, que se você acredita firmemente ou se compromete com essa crença, então você vai viver de uma forma que honre a Deus, até onde você pode entender o que isso significa.

Se você acredita que Deus existe e Deus existe, então o que se seguirá para você na próxima vida é uma vida eterna de bem-aventurança no céu, então felicidade infinita. Essa é a consequência. Esse é o resultado, a condição abençoada daqueles que acreditam e estão certos sobre isso em relação à existência de Deus.

Ou você pode acreditar que Deus existe, e acontece que você está errado. Qual é a consequência aí se Deus não existe? Bem, no final, quando você morre, sua consciência acaba. Você não está mais no ser.

Você desaparece, e sua vida acaba completamente. Qual é a consequência, então, considerando tudo? Bem, você passou por uma inconveniência leve, na verdade. Você viveu sua vida de uma forma que visa honrar a Deus.

Você resistiu a certas tentações. Você evitou, você sabe, digamos, um estilo de vida sexualmente promíscuo. Você evitou se envolver, digamos, com drogas pesadas ou se entregar demais a certos prazeres, incluindo momentos em que talvez você quisesse.

E então você foi incomodado, mas apenas levemente. Vamos desconsiderar o fato de que você pode realmente ter muitos benefícios para a saúde vivendo com uma certa quantidade de autocontrole com a qual você não viveria de outra forma. Então, vamos conceder que há uma leve inconveniência que acompanha a crença em Deus, e essa é uma espécie de perda líquida, no que diz respeito ao crente religioso que acaba se revelando errado.

Bem, agora vamos considerar os resultados, os dois resultados possíveis se formos com o ateísmo e desacreditarmos na existência de Deus. Se estivermos errados nesse caso, qual é a consequência? Bem, experimentamos uma infelicidade infinita. Acabamos na vida após a morte, e como desconsideramos Deus, caímos no inferno e o que quer que isso envolva.

Continua por sabe-se lá quanto tempo, talvez para sempre, mesmo que seja apenas um longo, longo tempo. É um tipo horrível e extremo de perda e infelicidade extrema. Mas se não acreditamos que Deus existe e acabamos estando certos, o que ganhamos? Apenas um pouco de diversão extra.

Então, novamente, parte disso pode ser prejudicial, mas vamos conceder, para fins de argumentação, que havia pelo menos um pouco de ganho líquido que você poderia ter tido por ser ateu e estar certo sobre isso. Então, o que você acaba

comparando essas duas opções, ser teísta ou ser ateu e viver de acordo em cada caso, é que se você é teísta, você tem ganho infinito e apenas um pouco de perda, você sabe, se você estiver certo ou errado, respectivamente. Como ateu, estar certo ou errado significa apenas um pouco de diversão extra se você estiver certo, mas perda infinita ou extrema se você estiver errado.

Então, é comparável a alguém indo para a pista de corrida e apostando em uma corrida de dois cavalos, e um deles está indo para uma probabilidade de um milhão para um, e você pode ganhar dois milhões de dólares apostando dois dólares naquele cavalo, o cavalo deus. Se ele vier como um vencedor, você só vai perder dois dólares se aquele cavalo perder. O outro cavalo, você tem que apostar um milhão de dólares para ganhar dois dólares.

Esse é o cavalo do ateísmo. Então, em qual desses dois cavalos você vai apostar se, você sabe, eles parecem igualmente propensos a vencer? Você seria um tolo em apostar no cavalo do ateísmo. Você tem que apostar no cavalo deus.

Você pode ganhar milhões de dólares apostando apenas alguns trocados. Então, essa é a lógica básica aqui com a aposta, de acordo com Pascal. É prudentemente sábio.

É pragmaticamente racional apostar em Deus e acreditar e seguir Deus tão bem quanto você puder nesta vida, dadas as respectivas recompensas. Agora, há alguns filósofos, William Lycan e, eu acho, Arthur Schlesinger, que escreveram um artigo há cerca de 25 anos chamado *You Bet Your Life, Pascal's Wager Defended* e eles consideram uma série de objeções e respostas a elas de uma forma que eu acho que é útil e perspicaz. Essas objeções são reclamações bem comuns sobre a aposta de Pascal.

Uma delas é que minhas crenças não estão sob meu controle. Não posso simplesmente decidir acreditar em algo. Se eu dissesse que lhe daria um milhão de dólares, se você pudesse acreditar agora mesmo que eu não estou levantando a mão, mesmo que você tenha um incentivo de um milhão de dólares para acreditar no contrário, você não pode simplesmente se convencer a desacreditar que eu estou levantando a mão quando eu estou realmente fazendo isso e você vê isso.

Então, você não tem controle sobre essa crença. Ela se forma em você como tantas outras coisas em que acreditamos. Nós nos encontramos acreditando independentemente da nossa vontade.

Às vezes dizemos, bem, eu gostaria de acreditar nisso, mas não posso porque as evidências são contra isso. E isso é meio que confessar o fato de que nossas crenças não estão sob nosso controle. E Pascal não está nos pedindo para controlar nossas crenças de uma certa maneira? E isso não é impossível? Então, isso não é razoável.

Bem, Lycan e Schlesinger apontam que, a longo prazo, nossas crenças são, pelo menos, muitas de nossas crenças, e Pascal e outros e Lycan e Schlesinger diriam que até mesmo a crença em Deus é algo que está sujeito ao nosso controle. Podemos usar o que eles chamam de terapia comportamental, como William James propôs. Isso é uma espécie de paráfrase, mas em um ponto, James, referindo-se à crença religiosa, disse, vá à igreja, vá à missa, reze, leia as escrituras, e eis que a crença sincera virá e entorpecerá seus escrúpulos.

Eventualmente, você acreditará. Então, mesmo que eu não possa mudar minha crença particular agora, digamos que a pessoa sentada ao meu lado esteja usando uma camisa verde. Eu não posso simplesmente mudar isso.

Posso, com o tempo, mudar certas orientações sobre todos os tipos de crenças. Então, suponha que eu lhe diga que, daqui a um ano, vou dar US\$ 50.000 a qualquer pessoa que eu conheça que seja um amante muito comprometido de jazz. Suponha que você não curta jazz.

Você curte mais rock clássico ou música country. Você não curte jazz, mas se você ouviu essa oferta, eu vou dar a qualquer um \$50.000 se no ano que vem, nessa época, eles puderem honestamente dizer que realmente curtem jazz e que amam jazz. O que você faria razoavelmente? Provavelmente sair e começar a comprar Dave Brubeck, John Coltrane, Miles Davis e todos os tipos de ótima música jazz e começar a ouvir e aprender sobre jazz, ler livros sobre jazz, ouvir todos os tipos de clássicos do jazz e desenvolver um gosto por isso de tal forma que daqui a um ano, você possa honestamente dizer, sim, eu realmente gosto de jazz.

No começo, eu não gostava, mas quanto mais eu aprendia sobre isso, mais eu ouvia, o que desenvolveu um gosto real em mim, e agora posso dizer honestamente que amo jazz. Aceito o cheque de US\$ 50.000 agora, por favor. Isso seria um tipo de terapia comportamental que seria análoga ao tipo de coisa que Lycan e Schlesinger sugeriram.

Comece a ir à igreja, leia as escrituras, comece a orar ao Deus que pode estar lá, mesmo que você esteja incerto, e veja se a crença genuína não começa a se formar. Então, dessa forma, suas crenças sobre Deus podem estar indiretamente sob seu controle, mesmo que não sejam algo que você possa simplesmente mudar a qualquer momento. Outra objeção é que a aposta é cínica e mercenária, que Deus não recompensaria alguém no Dia do Julgamento se sua crença e comprometimento com ele fossem baseados apenas em uma aposta nua e no tipo de desejo mercenário de ter uma existência eterna agradável em vez de um amor genuíno por Deus.

Lycan e Schlesinger abordam isso de uma forma semelhante à forma como lidaram com a última objeção, que podemos desenvolver e crescer em algo mais sincero do que nossa disposição original quando se trata de crença. Você acabará, eles dizem,

deixando seu cinismo, pelo menos na medida do possível, e se tornará um crente mais sincero a ponto de não se tratar apenas de obter aquela recompensa eterna. Você realmente ama a Deus sinceramente e é grato a Deus porque agora você genuinamente acredita que ele está lá e que ele lhe deu a vida que você tem e todos os tipos de bênçãos.

Então foi assim que eles lidaram com essa objeção. Outra objeção é que a maneira como Pascal expõe isso em termos de 50% de probabilidade, ou que é praticamente igualmente provável, não é que Deus exista, que isso não reflete a situação real. A evidência na verdade não é, você sabe, não é uma probabilidade igual.

É mais provável que não haja Deus. Na verdade, muitos diriam que é altamente provável que o ateísmo seja verdade. Talvez haja apenas 10 ou 15% de chance de que o teísmo seja verdade, de acordo com alguns cétricos.

Como isso afeta esse argumento? Lycan e Schlesinger dizem que isso não muda as coisas porque estamos falando de uma recompensa infinita aqui. Então, novamente, pense na corrida de dois cavalos. Talvez um cavalo esteja saindo com probabilidades de 10 para 1.

Ou deixe-me mudar isso. Talvez um cavalo seja significativamente mais rápido que o outro. Mesmo que seja esse o caso, talvez o cavalo ateu seja um azarão ou, neste caso, um sub-cavalo em termos de habilidade ou velocidade.

Talvez o jóquei não seja tão bom quanto o cavalo ateu. Você ainda iria querer apostar no cavalo de Deus porque o pagamento seria de um milhão de dólares. Então, mesmo que seja um cavalo mais lento, e isso seria, neste caso, meio que contabilizar a menor evidência do lado do teísmo, você ainda apostaria nisso porque o pagamento, se esse cavalo vencer, é muito maior.

E então há a objeção dos muitos deuses. Existem inúmeras divindades possíveis. Como sabemos qual deus é mais provável do que milhares de outros? Então você tem todas essas diferentes religiões mundiais, 10 ou 12 grandes religiões mundiais, e então todos os tipos de seitas menores.

Com qual delas assinamos ou começamos a nos comprometer em termos da tradição religiosa que queremos seguir? Lycan e Schlesinger propõem que consideremos uma série de fatores aqui. Podemos certamente olhar para considerações empíricas, especialmente históricas, que podem descartar algumas tradições religiosas como, você sabe, objetivamente menos respeitáveis ou cujo deus é menos provável de ser real. Então isso poderia talvez reduzir nossas opções sérias a apenas algumas tradições religiosas importantes.

Além disso, eles recomendam olhar os detalhes dos respectivos pagamentos. De acordo com algumas tradições religiosas, a vida após a morte não é necessariamente desejável, como em pelo menos certas formas de budismo.

Também devemos considerar a tolerância. Certas tradições religiosas são inclusivistas ou pluralistas, como o hinduísmo, que é altamente tolerante em termos de compromissos de crença de adesão religiosa. Enquanto certas outras tradições religiosas, como o islamismo e o cristianismo, são muito mais intolerantes em termos de quem vai para o céu, você sabe, dependendo das crenças que eles têm.

Então, essas seriam as que precisaríamos prestar mais atenção e levar mais a sério. Então, talvez pudéssemos reduzi-las a algumas formas principais de teísmo. Mas, em todo caso, a um pequeno número de tradições religiosas e então fazer nossa escolha ali.

Ou talvez fazer essa escolha à luz de onde nos encontramos culturalmente ou da tradição religiosa na qual fomos criados. Então, mesmo isso, pense nisso, vai criar um tipo de aposta em si, qual das tradições teístas você escolhe. Você sabe, entre aquelas que são mais intolerantes à crença rebelde.

Então essa é a aposta de Pascal, e há alguns argumentos a favor e contra ela, como considerado por Lycan e Schlesinger. Passando então para o que é chamado de vontade de acreditar, como William James a chama. Esta é uma abordagem interessante para a questão da praticidade da crença religiosa.

William James viveu principalmente no final do século XIX. Ele foi realmente treinado como médico e se tornou um estudioso líder no que chamamos de campo da psicologia. Ele escreveu dois volumes, *Principles of Ethics*, que foi um texto padrão em psicologia por décadas.

E conforme sua carreira acadêmica prosseguia, ele se interessou cada vez mais por estudos religiosos. E ele acabou dando as Palestras Gifford, acho que por volta de 1900 ou 1901, sobre as variedades de experiência religiosa, que foram reunidas em um livro com esse título. E é o melhor, mais fascinante e intrigante livro que já li sobre experiência religiosa.

É um padrão na área. Mas ele se tornou cada vez mais simpático à crença religiosa, embora ele fosse originalmente um empirista bem rigoroso. Ele se tornou cada vez mais simpático às crenças religiosas.

O trabalho que ele fez no desenvolvimento dessas palestras para suas Gifford Lectures foi fundamental para ele desenvolver mais simpatia pela crença religiosa. Mas em um ensaio que ele escreveu anteriormente chamado *The Will to Believe*, ele fala sobre o fato de que não é apenas a razão que está envolvida em um tipo de

revisão da evidência quando se trata da formação de crenças. Nem é o caso de que deveria ser apenas a razão.

A vontade está envolvida e deve estar envolvida em muitos casos em termos do que acreditamos. Então, ele faz algumas distinções a respeito da natureza das escolhas que fazemos. Ele diz que uma escolha pode ser viva ou morta.

Você pode distinguir entre escolhas vivas ou mortas, dependendo se um conjunto particular de opções tem apelo emotivo para quem escolhe. Uma escolha pode ser forçada ou evitável. Aqui, ele está falando sobre se a escolha pode ser evitada ou evadida ao não escolher nada.

Alguém pergunta se você gostaria de bolo ou torta de sobremesa. Eu não quero sobremesa. Então essa não é uma escolha forçada. É uma escolha evitável.

As escolhas podem ser importantes ou triviais, e isso tem a ver com se uma determinada escolha é importante. É uma escolha muito importante para a maioria de nós e se vamos ou não comprar uma casa. Não é realmente uma escolha importante, no entanto, qual a cor que vamos pintar nosso quarto na casa que compramos.

Então, agora, vamos perguntar sobre a hipótese religiosa ou crença em Deus. Que tipo de escolha é essa? Que tipo de opções a hipótese religiosa nos apresenta? Bem, quando se trata de crença em Deus, ela certamente tem apelo emotivo. Importa para todos nós se Deus existe ou não.

É importante quando você pensa sobre as implicações de se Deus existe em cada uma de nossas vidas. Isso é importante. Isso não é trivial.

E em terceiro lugar, é uma escolha forçada. Uma decisão ou escolha forçada de não tomar uma decisão a respeito de Deus é, em certo sentido, tomar uma decisão. Adiar a questão é basicamente permanecer na posição de agnosticismo ou talvez ateísmo.

Ser cético é permanecer contra a crença religiosa. Então, a hipótese religiosa é viva, forçada e importante. Mas o que fazemos se a evidência parece indecisa? E se a evidência não nos levar definitivamente em uma direção ou outra? Em direção ou para longe do compromisso religioso.

O que fazemos? Ali, James diz que nossa natureza apaixonada não só pode legalmente, mas deve decidir uma opção entre proposições sempre que for uma opção genuína que não pode, por sua natureza, ser decidida em bases intelectuais. Então, nossa natureza apaixonada pode e até deve decidir. E isso é apropriado, de acordo com James, quando se trata de opções como a hipótese religiosa que são vivas, forçadas e importantes.

Alguns objetam, mas não devemos dar nosso assentimento apenas àquelas verdades que são conclusivamente apoiadas por razões? E essa seria a objeção que William Clifford e outros semelhantes pressionariam contra William James aqui. Apenas o assentimento deve ser concedido a verdades que são conclusivamente apoiadas por evidências. Deve-se sempre acreditar apenas naquelas coisas que são apoiadas por evidências suficientes.

O princípio de Clifford sobre o qual falamos. A resposta de James aqui é que uma regra de pensamento me impediria absolutamente de reconhecer certos tipos de verdades. Se essas verdades fossem verdadeiras, haveria uma regra irracional. Se estamos falando sobre a busca da verdade, então nossas diretrizes para a busca da verdade não podem ser tais que, se seguirmos essas diretrizes, seríamos cegos para certas verdades.

Então é disso que ele está falando aqui. E que, como há certas verdades que temos por causa de nossa natureza como seres humanos e nossa limitada visão, não teremos, mesmo que sejam verdades reais, nunca teremos evidências suficientes para acreditar nelas. Então, isso sugere que deve ser aceitável em alguns casos acreditar sem evidências adequadas.

Então esse é o ponto de James. O ponto mais abrangente aqui é que a fé é inevitável. Seja essa fé religiosa ou não, há todo tipo de coisas em que acreditamos de forma fundamental, como compromissos de fé, e não há evidências conclusivas para elas.

Não há evidências suficientes para concluirmos que todo efeito tem uma causa. Esta é uma crença básica na lei da causalidade. O filósofo do século XVIII David Hume demonstrou conclusivamente que não podemos provar ou ter evidências adequadas para acreditar que todo efeito está necessariamente conectado à sua causa.

A conclusão de Hume é que acreditamos na causalidade, em conexões necessárias entre causas e efeitos, ou o que quer que acreditemos sobre causalidade, com base na fé animal, não com base em evidências conclusivas. Ele também fez esse ponto em relação à crença na uniformidade da natureza, que o sol nascerá amanhã. Todos nós acreditamos que o sol nascerá amanhã, que até mesmo haverá um amanhã.

Todos nós acreditamos nisso, mas não temos evidências conclusivas para isso. Nem temos evidências conclusivas para a crença de que alguém está acordado agora e não sonhando. Como você sabe que o mundo externo realmente existe, que seus sentidos são geralmente confiáveis em lhe dizer que há um mundo externo e que você está acordado agora? Esses são artigos de fé.

Tomamos como certo que em qualquer momento, estamos acordados, que estamos acordados, e que não estamos tendo um sonho muito vívido. Algumas pessoas

dizem, bem, eu posso dizer a diferença porque isso é muito mais claro e vívido. Bem, então foi aquele pesadelo que você estava tendo ontem à noite, e você acordou suando frio porque estava tão aterrorizado porque estava sonhando que algum intruso tinha invadido a casa e estava ameaçando você e sua família.

Você ficou tão aliviado que era um sonho. No contexto daquele sonho, você estava bem convencido de que era real. Você não teria ficado tão aterrorizado.

Então isso também é um artigo de fé. Até mesmo nossa crença é que outras pessoas têm mentes, seus próprios pensamentos e sentimentos, assim como nós. Você acredita que outras pessoas têm pensamentos e sentimentos como você quando nunca esteve dentro da cabeça delas.

Você nunca experimentou o que eles experimentam, assumindo que eles têm suas próprias experiências privadas. Assumindo que o resto de nós não somos todos autômatos que foram programados para responder a você de certas maneiras. Os únicos pensamentos e sentimentos que você já experimentou diretamente são os seus.

Quando se trata dos pensamentos e sentimentos de outras pessoas, você assume que eles são reais. Talvez você diga, bem, eu tenho um tipo de fundamento analógico para acreditar nisso porque meus próprios pensamentos e sentimentos estão associados aos meus próprios comportamentos de uma forma que sugere que outras pessoas têm seus próprios pensamentos e sentimentos porque têm comportamentos semelhantes. Mas aí você está raciocinando de um caso para oito bilhões de casos, e esse é um argumento indutivo muito pobre.

E ainda assim o argumento analógico para outras mentes parece ser o mais forte disponível, por pior que seja. Então, é um tanto quanto um erro no campo da filosofia que ninguém provou conclusivamente. Ninguém foi capaz de demonstrar conclusivamente que há mentes diferentes da sua. É um artigo de fé.

Esse é o ponto aqui, que é que você tem todos esses compromissos de fé muito gordos. Quer você tenha ou não alguma crença religiosa, se você é um ateu hardcore que diz, não, eu só acredito com base na experiência sensorial, eu não acredito que haja um Deus ou algo sobrenatural, eu não sou uma pessoa de fé. O fato é que você é uma pessoa de fé porque você acredita na fé que os efeitos têm causas, que a natureza é uniforme, que o sol nascerá amanhã, as leis da natureza continuarão a se manter no futuro como fizeram no passado, que seus sentidos são geralmente confiáveis, que você está acordado agora e não sonhando, e que outras pessoas têm mentes.

Esses são todos compromissos de fé. Então, você não pode evitar a fé. E eu acho que essa é uma das coisas que William James meio que cresceu nessa percepção de que,

por mais que no começo ele quisesse ser um tipo de empirista hardcore, não, você não pode evitar compromissos de fé acreditando em coisas que não podemos provar cientificamente ou de outra forma.

Parece que a fé é apenas uma parte básica da condição humana, e somos criaturas que são obrigadas a ter compromissos de fé. Mesmo que seja só para se dar bem no mundo, você tem que ser uma pessoa de fé. Então por que não considerar seriamente a fé em Deus como mais um compromisso de fé que alguém pode fazer e que tem benefícios muito práticos?

Então essa é nossa discussão sobre as justificativas pragmáticas da crença.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 5, Argumentos Teístas, Parte 4, A Justificação Pragmática da Crença Teísta.